

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

## Ceausescu 2.º e último

ROBERTO ROMANO

O artigo "Concursos públicos e pluralismo democrático" (**Folha**, 15/03/90) merece reparos. Considera "normal" o que é falta ética. Professores e alunos estão frente a um espelho perverso: ficam sabendo que é lícito impor livros num concurso público. Sempre haverá quem use sofismas como "o exame foi preparado pela Fundação Carlos Chagas". Os itens finais das provas passaram pelo "fiat" autocomplacente do secretário e de seu chefe de gabinete.

Voltarei ao segundo. O primeiro torceu-se mito. Quem critica os seus procedimentos é visto como "liberal conservador". Fatos universitários jogam uma luz crua sobre o pedagogo. Em 12 de agosto, 1982, foi enviado um convite ao dr. Trujillo Ferrari para a "Eleventh International Conference on the Unity of the Sciences". Assina o sr. Morton Kaplan. Tema: "The Search for Absolute Values and the Creation of the New World". Garantidos os alimentos e hotel, mais um passeio turístico "using the most economical arrangements". Tudo conforme, não fosse o detalhe: no papel timbrado vinham os títulos da famosa seita Moon. No alto da folha, o aviso: "Founder, Sun Myung Moon", instrumento da CIA, entre outras delinquências.

O dr. Trujillo encaminhou o convite ao seu departamento, na Unicamp, onde era chefe o professor Roberto Romano,

e no qual trabalhava Paulo Freire. Foi marcada uma reunião para discutir o assunto. Trujillo pediu afastamento remunerado para comparecer ao encontro. A chefia foi clara e direta: a universidade não cobre viagens de cunho extracientífico, puramente ideológico. Respondeu o candidato: "o senhor chefe se engana, caso imagine que o congresso tenha fundo ideológico. Moon não paga imposto de renda nos EUA. Ele precisa resolver suas questões com o fisco, financiando semelhantes encontros". Colocou-se a matéria em votação.

Surpresa. O pedido foi aprovado por maioria absoluta. Exceções: uma docente e Roberto Romano, o qual exigiu que da ata constasse um protesto pelo nivelamento da universidade à seita Moon. Paulo Freire, que votara a favor, pediu então que também constassem suas restrições ao sr. Moon. Mas aprovou a viagem —com dinheiro do povo— justificando-a pelo "diálogo religioso". A carta convite está em meu poder. As atas documentam a edificante atitude ecumênica. Desde aquele dia percebi o real trato freireano com a "res pública". A autora do artigo com que iniciei estas considerações subscreve também este ato? Dialoga com "reverendos" bandidos? Eu me recuso.

O texto gadottiano ("Pensamento Pedagógico Brasileiro"), imposto aos docentes na bibliografia torta, exhibe péro-

las de bajulação: "ser fiel a Paulo Freire significa, antes de mais nada, reinventá-lo e reinventar como ele. Nisto, aliás, consiste a superação ("aufhebung", sic) na dialética". Tolice "hegeliana" sob primitiva deformidade terminológica. Além disto, o idioleto sectário. "Ser fiel" e quejandos é peculiar aos que vivem do e para o guru. Mestre Rikota é mais fino.

Na página final do livro, após frases demagógicas sobre a onipotência da "burguesia", temos a propaganda petista: "a classe trabalhadora, sobretudo através da CUT, está construindo, na luta, outra sociedade democrática que aponta para o socialismo como única alternativa para ela". Perdoemos a falta de sentido lógico na frase dogmática. O livro inteiro define uma só linha justa, a do PT, reduzida à variante gadottiana. Nenhum pluralismo, aliás denunciado pelo autor como vício "liberal". Indique esse lixo quem quiser, confundindo-o com a ciência. O ridículo cairá também sobre sua cabeça. "Last but not least": reflexão e conceito não surgem onde medram as "idéias reçues", como no artigo em pauta. Bouvard e Pécuchet resplandecem de "Wit" junto a esta peça, cuja autora pesca em águas turvas, explorando a polêmica em proveito próprio.

**ROBERTO ROMANO**, 44, filósofo, é professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor do livro "Brasil: Igreja contra Estado".